

O CPC-USP e a Casa de Dona Yayá: questões de gestão de um patrimônio cultural

Ana Lúcia Duarte Lanna* e Juliana Mendes Prata**

Resumo:

Este artigo discute aspectos da gestão do Centro de Preservação Cultural na Casa de Dona Yayá, imóvel tombado transferido para a USP em 1969 como herança jacente, após a morte, em 1961, de Sebastiana Melo Freire, a Dona Yayá.

Apresenta alguns trabalhos realizados pela USP no imóvel, mas, sobretudo, a proposta do CPC-USP de restauro e uso qualificado deste bem cultural, que procurou articular os saberes de vários especialistas de diversas áreas de conhecimento e integrá-los num processo de (re)conhecimento do imóvel como lugar de memória. Os usos e atividades implantados são necessariamente articulados com a historicidade da casa, qualificando seus múltiplos significados e registros de memórias sociais e culturais, materiais e imateriais. Procura-se, desta forma, garantir uma destinação pública e qualificada para a Casa de Dona Yayá.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Universidade de São Paulo. Uso qualificado.

The CPC-USP and The Casa de Dona Yayá: questions of cultural heritage and its management

This paper examine some aspects of the management of the Centro de Preservação Cultural in Casa de Dona Yayá, a well recognized cultural heritage, transferred to USP in 1969, by inheritance, soon after the death in 1961 of Sebastiana Melo Freire, known as Dona Yayá.

It presents some of the improvements that the USP has done in the building but, mainly explain the CPC-USP proposal of restoration and qualified utilization, that tried to articulate the knowledge of several specialists in the many knowledge areas an to combine these knowledge in a process of (re)cognition of the building as a memory place. The utilization and activities that were implemented are necessarily related to the building historicity, qualifying its multiples meanings and its social and cultural, material and immaterial memory. It's attempt therefore to guarantee a public and qualified destination to Casa de Dona Yayá.

Key-words: Cultural Heritage. Universidade de São Paulo. Qualified utilization.

Este artigo apresenta alguns aspectos da gestão do Centro de Preservação Cultural na Casa de Dona Yayá, a partir das diretrizes e estratégias adotadas pelo CPC-USP para viabilizar o uso qualificado deste bem cultural.

A Casa de Dona Yayá é o nome pelo qual é conhecido o imóvel situado à Rua Major Diogo 353, Bela Vista, São Paulo. Esta casa, assim como os demais bens pertencentes a Sebastiana Melo Freire, a Dona Yayá, foram transferidos após sua morte em 1961, como herança jacente, para a USP em 1969.

Dona Yayá era a única herdeira de propriedades e tendo sido considerada incapaz de administrar sua fortuna, foi interditada por “sofrer das faculdades mentais”. Em 1919, foi internada em um hospital psiquiátrico. Após um ano de internação, o que causou na época comoção na sociedade paulistana, gerando inclusive uma série de artigos em jornal sensacionalista “O Parafuso”, a família decidiu, seguindo conselhos médicos, que ela deveria viver em local tranquilo e afastado do burburinho urbano. Foi escolhida, então, uma chácara, localizada nos arrabaldes da cidade. Isto ocorreu em início da década de 1920. Dona Yayá viveu reclusa por 40 anos, confinada numa parte da casa da Rua Major Diogo, sendo cuidada e vigiada por familiares, amigos e empregados.

A casa, onde se desenvolveu esta excepcionalmente longa história de confinamento psiquiátrico privado, era também um belo exemplar de arquitetura em estilo eclético, muito difundido em São Paulo de finais do século XIX e início do século XX. Além disso, guardava em seu núcleo a construção de um pequeno chalé de tijolos, realizada por volta de 1870 e que revela, por sua técnica e material construtivo, mudanças que ocorreram na cidade de São Paulo decorrentes da imigração em massa, da crise da escravidão, da expansão da área urbanizada da cidade e da diversificação das atividades econômicas.

Ao longo dos anos 1970 e 2000 foram discutidos e propostos, no âmbito da Universidade de São Paulo, vários usos para a casa. Paralelamente a este processo, a USP implementou uma série de estudos e intervenções sobre este patrimônio cultural.

Entre 1989 e 1991 foram realizados estudos históricos prospectivos e levantamentos subsidiários às intervenções de restauro e conservação. Podemos destacar a realização de pesquisa histórico-documental sobre a casa e seus antigos proprietários, de levantamento métrico-arquitetônico, da análise de materiais construtivos e espécies botânicas e a implementação do programa de Identificação, Consolidação e Restauração de Pinturas Murais (canteiro-escola), coordenado pela especialista do CPC, Regina Tirello, que realizou a identificação e caracterização de pinturas murais artísticas em 12 ambientes da casa.

Estes estudos documentais e prospectivos realizados pelo Centro de Preservação Cultural da USP, assim como seus desdobramentos ao longo destas décadas, deram a conhecer importantes e variados aspectos desta singular edificação. O núcleo original de tijolos, os jardins como resquícios da grande chácara; as pinturas murais existentes em vários de seus cômodos, assim como os ornatos externos e as ampliações realizadas na casa até os anos 1910, testemunham práticas artesanais, padrões estéticos e modos de vida da elite paulistana. As modificações e reformas realizadas entre os anos 1920 e 1950, construindo e delimitando no interior da casa os espaços de confinamento, revelam formas de tratamento, então vigentes, da doença mental.

Com a morte de sua última proprietária, Dona Yayá, a casa permaneceu fechada. À sua história associou-se mais um atributo: a casa mal assombrada, abandonada.

De 1991 a 1998 foram realizadas diversas intervenções de manutenção e conservação tais como a recuperação de pisos e forros, de cobertura e telhado, descupinização e proteção física dos elementos decorativos internos. Os serviços de caráter emergencial de conservação definiram-se com base nas diretrizes determinadas pelos trabalhos de identificação de cronologia histórico-arquitetônica e diagnóstico do estado de conservação da estrutura, componentes arquitetônicos e pintura do imóvel efetivados no momento anterior pelo CPC-USP.

Em 1998, tem início um novo momento com a criação de uma sub-comissão no âmbito do CPC-USP responsável pelo imóvel. Esta subcomissão deveria elaborar um plano de restauração e ocupação da Casa de Dona Yayá. Este imóvel tinha sido tombado pelo Condephaat, órgão estadual de preservação do patrimônio cultural. O processo de tombamento destacava a excepcionalidade do imóvel e recomendava a proteção de suas características internas e externas. Em 1999, o CPC-USP publica

um livro, integrante da série Cadernos CPC, que apresenta vários artigos e interpretações sobre a historicidade do imóvel, de sua mais famosa proprietária e destaca algumas propostas de uso até então elaboradas.

Em 2001, foram iniciados os trabalhos de restauro das pinturas murais existentes no interior do imóvel, realizado por especialista pertencente aos quadros do CPC.

Em 2002, o DPH, órgão municipal de preservação do patrimônio cultural finaliza processo de tombamento do imóvel, agora protegido pelas instâncias municipal e estadual. Em 2003, o Centro de Preservação Cultural, responsável no âmbito da USP pela guarda do imóvel, apresentou uma proposta de restauro e uso qualificado deste bem cultural. A proposta aprovada articulava os saberes de vários especialistas de diversas áreas de conhecimento e integrava-os num processo de (re)conhecimento do imóvel como lugar de memória. Os usos e atividades a serem implantados estariam necessariamente articulados com a historicidade da casa, qualificando seus múltiplos significados e registros de memórias sociais e culturais, materiais e imateriais. Desta forma, garantia-se uma destinação pública e qualificada para a Casa de Dona Yayá. As diretrizes desta proposta orientam, desde então, os processos de recuperação física do imóvel assim como as atividades desenvolvidas pelo CPC.

O processo de recuperação física, realizado em 2003 com vistas a transferência da sede do CPC-USP para a Casa de Dona Yayá, pautou-se por intervenções de caráter conservativo, procurando garantir a integralidade formal do imóvel e a compreensão de sua historicidade e estratigrafia arquitetônica. As obras realizadas procuraram utilizar os conhecimentos adquiridos sobre a Casa de Dona Yayá, caracterizando uma ação que integra pesquisa e extensão como atividades constitutivas da prática universitária. A recuperação da Casa e a realização de necessárias obras de infra-estrutura foram, integralmente, realizadas com recursos da USP e viabilizadas, sobretudo pelo empenho da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, à qual o CPC-USP é órgão subordinado.

Esta decisão insere-se numa política da USP, definida e capitaneada por esta Pró Reitoria, que visa valorizar, ampliar e qualificar as atividades de cultura e extensão da universidade, entendidas como práticas de ação cultural e inclusão social. Concretiza-se num momento em que a universidade procura ampliar sua presença na cidade de São Paulo. Nesta perspectiva, o CPC-USP consolida-se como um

diferencial da USP na área do patrimônio cultural, constituindo-se como um fórum privilegiado e sistemático de elaboração de reflexões e ações sobre a questão da coleta, conservação, pesquisa, experimentação e comunicação dos testemunhos do patrimônio cultural. Especificamente em relação ao imóvel, trata-se de implementar ações que qualificassem sua excepcionalidade, fazendo-a reconhecível pela população, transformando-a em um lugar de memória. Este processo implicava em reverter as idéias de abandono que tinham tão fortemente se agregado ao imóvel e que, dentre outras conseqüências, inviabilizava efetivar suas significações como bem cultural.

Acompanhando o processo de restauração do imóvel, foram implementadas uma variedade de atividades na casa. Através da realização de visitas monitoradas, dirigidas para o público adulto e infantil, e de apresentações musicais pretendíamos tornar público o processo de recuperação do imóvel e destinação de uso que havia sido definida. Acreditávamos que era fundamental iniciar um processo de requalificação de sentidos para o bem tombado. Transformar o abandono em uso qualificado era o desafio proposto. Nas visitas eram apresentadas as informações sobre a história da casa, as intervenções que a USP vinha realizando para sua salvaguarda e, sobretudo, procurava-se construir um reconhecimento de suas novas e públicas destinações. Abrir a casa transformando-a em um bem cultural era processo de intervenção mais lento e elaborado do que a recuperação física do imóvel.

A mudança da sede do CPC-USP para a casa restaurada viabilizou um incremento das atividades desenvolvidas. As premissas adotadas de realização de atividades para públicos diversos, relacionadas à temática do patrimônio cultural orientam a elaboração da programação e a busca de uma desejável articulação entre elas. Realizamos cursos, palestras, exposições, visitas monitoradas, apresentações musicais. Revisamos o site e o programa de publicações de forma a estabelecermos um diálogo mais profícuo entre todas estas atividades.

Para explicitar esta proposta de atuação, vamos nos deter em uma destas muitas atividades para, através dela, mostrar a perspectiva de patrimônio e memória que norteiam as práticas do CPC.

As visitas monitoradas eram sempre muito procuradas, revelando um real interesse por parte de um público diverso e não necessariamente envolvido, em suas práticas cotidianas, com a temática do patrimônio cultural. Por outro lado, o

bairro da Bela Vista, onde está localizado o imóvel, é densamente povoado e existem no entorno imediato da Casa de Dona Yayá uma dezena de instituições escolares para alunos do ensino fundamental. Estas crianças, moradoras do bairro, possuem poucas alternativas de lazer e atividades educacionais. Percebemos também que havia um desconhecimento sobre a história da casa e do bairro. O reconhecimento da casa como bem cultural ficava inviabilizado, pois o sentido que lhe era atribuído era fundamentalmente o da exclusão/reclusão. Ao abandono físico correspondia um esquecimento que transformava o potencial bem cultural em referência de abandono. As memórias sobre Dona Yayá remetiam a situações de reclusão e tirania. Ou ela era apresentada como a “velha louca em quem jogávamos pedra” ou na pobre mulher encarcerada, tiranizada por familiares e incompreendida pelos limites e moral do seu tempo.

Elaboramos um projeto de educação patrimonial dirigido aos estudantes das escolas do bairro que pretendia apresentar a casa e suas transformações, sejam construtivas sejam dos diversos modos de vida e ocupação como um bem cultural. As atividades especialmente elaboradas compreendiam a realização de visitas monitoradas e de uma série de atividades educativas a serem realizadas na Casa de Dona Yayá. O projeto elaborado pela equipe do CPC-USP é concretizado por monitores, estudantes da USP e subvencionado com recursos do Fundo de Cultura e Extensão Universitária.

A realização desta atividade pretende viabilizar um reconhecimento do imóvel, de seus atributos, de sua excepcionalidade e de sua historicidade fazendo-o reconhecível como um bem cultural. Este processo pretende, ao dar a conhecer o edifício, qualificá-lo como patrimônio, inserindo-o na história e nas redes de valor cultural e simbólico referidas ao cotidiano dos estudantes. Tratar a casa como um objeto cultural, tematizando a partir dela uma série de referências e valores simbólicos, é um dos objetivos desta atividade. A casa – vestígio material de várias histórias e situações culturais – deve a partir de sua recuperação como bem cultural resignificar práticas e representações sociais.

Assim, pretendemos com a realização destas visitas explicitar:

- A história da casa, seus vários momentos e sua excepcionalidade como bem histórico tombado;

- A sua relação com a história do bairro e da cidade, os vários significados e sentidos desta relação;

- As relações e conexões das histórias pessoais com as histórias sociais.

As etapas da visita incluem um reconhecimento da casa no bairro e na cidade de São Paulo destacando, de forma relacional, as transformações ocorridas ao longo dos últimos 130 anos. A trajetória pessoal de Dona Yayá é inserida neste contexto. A historicidade procura ser resgatada sinalizando continuidades e rupturas entre temporalidades distintas, referidas a um mesmo espaço. Trabalhando com diferentes escalas procuramos tratar do bem cultural como artefato.

Os estudantes percorrem os diversos cômodos da casa. Eles podem reconhecer as diversas etapas construtivas do imóvel. O processo de restauração e conservação é apresentado como diálogos estabelecidos no presente com o passado. Procura-se explicitar, na concretude das intervenções realizadas, as teorias referentes ao patrimônio cultural que orientam outras práticas do CPC. Sobretudo, procura-se dar a entender que restaurar não significa fazer ficar como era mas compreender como era e incorporar as diferenças em usos adequados, respeitando as características do bem cultural. Acreditamos que as definições de uso são essenciais para a elaboração de uma política de preservação de um bem cultural.

Além da visita, os estudantes realizam outras atividades. Usando de repertório lúdico conhecido, como por exemplo, jogos de memória, cruzadinha, labirinto e pertence e não pertence, elaboramos uma série bastante diversificada de brincadeiras, todas realizadas sob a supervisão dos monitores. Os conteúdos pretendem aguçar a observação das crianças sobre o imóvel e sobre diversos dos temas tratados. Estas atividades direcionadas foram sendo elaboradas ao longo da implementação do projeto. Acreditávamos inicialmente que seria, por exemplo, suficiente solicitar às crianças que desenhassem a casa que estavam vendo. Constatamos que a maioria dos desenhos daí resultantes representavam outras casas – castelos e palacetes. Procurando construir possibilidades novas para o olhar estimulamos a observação dos elementos arquitetônicos que compõem de forma destacada e específica a fachada da casa e depois a realização do desenho de observação se faz a partir de uma folha que tem inserida uma pequena referência a um dos elementos da fachada. Brincando as crianças aprendem um novo vocabulário textual e gráfico que as habilita a melhor representar o que vêem. Muitas brincadeiras foram especialmente elaboradas para estas visitas. Procura-se sempre

adequá-las à faixa etária do estudante. Seus conteúdos são sempre evocativos do bem cultural e pretendem apresentar diversos aspectos do patrimônio cultural.

As visitas dos estudantes são precedidas por um contato com a escola e com a realização de atividade específica com os professores. Procura-se assim criar redes entre as instituições e garantir possibilidades de atividades em conjunto além de ampliar as reflexões sobre patrimônio cultural.

Espera-se que as atividades realizadas possam desempenhar com êxito as seguintes funções:

- Reforçar a identificação da comunidade com o bem tombado Casa de D. Yayá.

- Possibilitar a realização de atividades que discutam a questão da história e da memória, vinculando temas e referências do cotidiano com questões de cidadania e urbanidade.

- Criar referências e ampliar a identificação da comunidade com a Universidade.

- Efetivar o caráter público e qualificado do patrimônio da Universidade.

- Ampliar as trocas culturais entre a Universidade e a sociedade garantindo a realização de práticas qualificadas de cultura e extensão.

- Produzir a partir das atividades realizadas e dos resultados obtidos uma reflexão acerca do papel da casa, do patrimônio cultural e da universidade na situação urbana específica do Bixiga.

A implementação deste projeto de educação patrimonial e a repercussão que ele suscitou, podem ser avaliados e reconhecidos seja pelo crescente número de visitantes à Casa de Dona Yayá trazidos pelas crianças; seja pela realização de outras atividades pelas crianças nas escolas discutindo suas histórias pessoais e sociais e nelas inserindo a temática da memória e do patrimônio cultural ou ainda pelo crescente cuidado que demonstram pela casa inserindo-a numa rede efetiva de sociabilidade. Hoje sabemos que muitas crianças reconhecem a casa como um patrimônio que, de alguma forma, lhes pertence.

Estes resultados nos estimularam a continuar e a ampliar os limites inicialmente definidos. Ao longo deste ano de 2005 expandimos o projeto inicial de educação patrimonial incorporando outras estratégias de reconhecimento do bem cultural: consolidamos os Domingos na Yayá para o público infanto-juvenil, criamos uma seção no site voltada para este projeto, desenvolvemos uma cartilha para

aqueles que não podem comparecer à Casa e iniciamos um projeto voltado para o ensino médio.

As visitas incorporaram estudantes da rede particular de ensino e de organizações do terceiro setor. Da mesma forma, não nos restringimos aos limites do bairro e tivemos visitantes oriundos de instituições de muitas outras regiões da cidade. Recebemos 2500 estudantes neste projeto.

O site do CPC-USP estava em processo de reformulação. Inserimos uma seção especial destinada a este projeto de educação patrimonial. Apresentamos o projeto, mostramos imagens e fotos de algumas das visitas já realizadas e criamos um espaço onde as crianças podem contar histórias e revelar memórias que relacionem-se com a Casa de Dona Yayá e com o patrimônio cultural. Ainda como desdobramento do projeto inicial, elaboramos uma cartilha *A Casa de Dona Yayá, histórias de uma velha senhora* que apresenta muitos dos conteúdos tratados durante a visita. Pretendemos utilizá-la como um elemento multiplicador. Ou crianças que visitarem a Casa poderão levar a cartilha para outras crianças que não vieram, ou nossos estagiários a utilizarão para realizar o projeto em escolas e instituições que tendo interesse pelo projeto não consigam trazer seus estudantes ao Bixiga. Em todos estes casos, o site do CPC-USP deverá funcionar como um instrumento de mediação onde histórias poderão ser contadas viabilizando a construção de uma rede sobre lugares de memória e patrimônio cultural.

O potencial deste projeto de educação patrimonial como prática de ação cultural e inclusão social desdobra-se ainda, no elenco das atividades desenvolvidas pelo CPC, em duas outras atividades regulares. Uma que contando com o trabalho de duas profissionais externas ao CPC, Maria Regina Prata e Maria Nilza Fagundes Ferreira, desenvolve com alunos de supletivo da rede pública um projeto denominado *Memória do Lugar* onde pretende-se refletir sobre as histórias pessoais e sociais lançando mão de referências disponíveis na Casa de Dona Yayá. Outra que acontece aos domingos e desdobra-se em atividades especialmente dirigidas ao público infanto-juvenil onde são realizadas oficinas de brinquedo, contadores de história, música e, futuramente, teatro. Nestes domingos as crianças vêm à casa como convidadas. Reafirmam assim seus vínculos com o lugar e as histórias que ele contam, das quais elas mesmas passam a ser parte integrante.

Os resultados revelam-se pelo número crescente de visitantes para todas as atividades propostas, como também pela variedade de condição de origem e

escolaridade desses visitantes, e pelo fato de que as atividades implementadas pelo CPC-USP procuram refletir sobre as questões dos bens culturais, lugares de memória. O reconhecimento deste trabalho realizado pela Universidade de São Paulo que, em diversos tempos e etapas, interviu neste bem cultural, qualificando-o como lugar de memória, acontece seja no âmbito do bairro, da USP, ou dos órgãos de preservação, e expressam o resultado do esforço coletivo dos muitos profissionais que trabalharam na e sobre a casa. Mas, sobretudo indicam o reconhecimento da população que utilizando, de forma permanente e crescente, a Casa de Dona Yayá transforma-a efetiva e plenamente num bem cultural.

* Historiadora. Doutora em História Social pela FFLCH-USP. Professora do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU-USP e diretora do CPC-USP.

** Arquiteta. Mestre pela FAU-USP. Especialista em laboratório do CPC-USP.